

I. É PRECISO DIZER ADEUS (1958)

Sei que devo partir.

Só me resta dizer adeus.

(Vinicius de Moraes e Tom Jobim,
gravação de Maysa em 1958)

NAQUELA MADRUGADA EM COPACABANA, de vestido branco sem alças e usando um colar de pérolas autênticas que dava seis voltas no pescoço, ela cantara como nunca. *Ninguém pode calar dentro em mim esta chama que não vai passar. É mais forte que eu e não quero dela me afastar.* Estava alguns quilos acima do peso. O início de um queixo duplo e as maçãs rechonchudas do rosto arredondavam-lhe as expressões. Mas os olhos, delineados com lápis preto e capricho, tinham o mesmo verde e o ar imperativo de sempre.

Como de costume, cantava de nariz empinado, com atitude superior, como se fulminasse a platéia com o olhar. *Só digo o que penso, só faço o que gosto e aquilo que creio.* Ao fim da última canção, imóvel no centro do palco sob a luz prateada do refletor, foi aplaudida de pé durante cerca de cinco minutos. Antes de desaparecer por trás da cortina de veludo escuro, nem sequer agradeceu às palmas que vinham das mesas imersas na penumbra e enevoadas pela fumaça dos muitos cigarros. Os que a viram pela última vez naquela noite dizem que bebeu uma dose de vodca nos camarins e partiu sozinha em direção ao seu apartamento, localizado ali perto, na rua Inhangá, 45, nas imediações do Copacabana Palace.

Aos 22 anos, a jovem Maysa era uma das estrelas mais bem pagas da música brasileira. A estréia da temporada na boate La Bohème, que lhe

renderia um cachê de 140 mil cruzeiros por semana, cerca de 30 mil reais (valor considerado astronômico para os padrões da época), havia sido um sucesso. Era rica, famosa e cortejada por homens que dariam tudo para dividir um drinque com ela naquele abafado fim de noite do verão carioca. Mas, ao contrário do que sempre fizera depois de cada um dos shows, Maysa não aceitou o convite dos amigos para esticar a madrugada, para pular de bar em bar, esquecer o relógio e bater perna pela constelação de boates e restaurantes que compunham a paisagem boêmia do bairro. Enquanto os garçons ainda serviam doses generosas de cuba-libre, hi-fi e uísque aos clientes da La Bohème — e quando estes não haviam se refeito do vendaval emocional provocado por mais uma apresentação de Maysa —, ela chegou em casa, tirou a roupa e abriu a torneira da banheira. Era 11 de fevereiro de 1958, uma terça-feira. Ninguém pode dizer exatamente o que houve entre aquelas quatro paredes ladrilhadas de branco. Só se sabe que os vizinhos foram acordados por um grito de mulher no meio da noite. Nos dias seguintes, a notícia estava no rádio e nos jornais. Maysa tentara se matar, cortando o pulso esquerdo com gilete.

* * *

A imprensa não pôde deixar de explorar uma trágica coincidência: no dia anterior, 10 de fevereiro, o compositor Assis Valente, autor de clássicos como “E o mundo não se acabou” e “Uva de caminhão” — imortalizados na voz de Carmen Miranda —, cometera suicídio, ingerindo uma mistura fatal de guaraná com formicida. Maysa, contudo, negou com veemência que houvesse atentado contra a própria vida. Fez questão de receber os jornalistas em casa e, com o braço enfaixado, apoiado em uma tipóia improvisada com um finíssimo lenço de seda, disse que tudo não passara de um pequeno acidente doméstico. “Eu tentava abrir a porta do meu quarto quando minha mão resvalou, partindo o vidro”, explicou aos repórteres, exibindo os cacos da vidraça ao clique dos fotógrafos. “Imediatamente procurei um médico conhecido, que me fez os curativos”, afirmou. Ninguém acreditou em história tão prosaica. Não era a primeira vez que Maysa, a deusa das canções de dor-de-cotovelo, a rainha absoluta da músi-

ca de fossa, aparecia com um curativo no pulso, alegando ter sofrido um rele acidente caseiro.

Um mês antes, em janeiro, ela adentrara às 5h45 da manhã no setor de emergência do Miguel Couto, um dos mais movimentados hospitais do Rio de Janeiro, com uma hemorragia no pulso esquerdo provocada por um ferimento com objeto cortante. Como da segunda vez, garantira aos jornalistas que não tentara o suicídio. “Vocês vieram saber se eu morri?”, indagou-lhes à queima-roupa, com o estilo habitualmente despachado. “Como estão vendo, estou mais viva do que nunca, muito embora esteja amolada com esses boatos que correm a meu respeito”, prosseguiu, no mesmo diapasão.

Um detalhe não passou despercebido ao jornal *Diário Carioca*, que no início da década de 1950 modernizara o estilo dos textos na imprensa brasileira: “Maysa trazia uma grossa pulseira que lhe escondia o pulso esquerdo e, apesar do calor, usava uma blusa de mangas compridas”. Poucas horas antes daquela entrevista, a secretária particular da cantora, Zoraide Aun, mandara embora outro grupo de repórteres, negando qualquer tentativa de suicídio por parte de Maysa. Como prova, exibiu aos jornalistas um aparelhinho que era uma das novidades tecnológicas recém-chegadas ao Brasil, junto com o radinho de pilha, a televisão e a lambreta: o barbeador elétrico.

“Nesta casa não se usa gilete”, assegurou Zoraide.

Pela versão da secretária, Maysa escorregara na hora do banho ao pisar no sabonete. Caíra e machucara o braço. Mas a redação de *O Jornal* revelaria aos leitores um suposto boletim surrupiado dos prontuários do Miguel Couto, em que se lia a seguinte anotação:

Maysa Matarazzo, brasileira, branca, 22 anos, residente na rua Inhangá, 45, apartamento 704. Etilismo agudo, excitação psicomotora e escoriações na região do pulso esquerdo em conseqüência de tentativa de suicídio.

Ainda assim, Maysa continuou negando o episódio e disse que o tal boletim era falso como uma cédula de três cruzeiros. E, mais uma vez, pediu à imprensa para deixá-la em paz. “Olhem, tenho um filho de um ano

e oito meses, uma carreira pela frente e um grande futuro. Vocês acham que eu pensaria em me matar, eu, que consegui tudo isso com apenas 22 anos?”, interrogou, de forma dramática, ao *Diário Carioca*. Os apelos de Maysa foram em vão. O comportamento pouco ortodoxo fazia dela um alvo fácil para o apetite da mídia. As especulações sobre os exatos motivos das duas prováveis tentativas de suicídio eram as mais variadas, mas todas apontavam para causas passionais. Os jornais que bisbilhotavam a vida da cantora afirmavam que ela estava arrasada porque, dias antes, brigara feio e pusera para fora de casa aos pontapés um dos muitos namorados dessa época, o playboy Marco Túlio Galvão Bueno, conhecido nas rodas noturnas do Rio como “Marquinho, o bom”.

As revistas de fofoca preferiram ventilar a hipótese de que o caso até então secreto de Maysa com Cesar Thedin — arquiteto, empresário e boêmio que pouco mais tarde casaria com a atriz Tônia Carrero, considerada à época a mulher mais bonita do Brasil — havia sido descoberto pela namorada oficial do galã, a também cantora Elizeth Cardoso. A revelação daquele triângulo amoroso teria provocado um sério atrito entre as duas colegas de ofício (e amigas de longa data), o que deixara Maysa mortificada. Mas houve quem nunca apostasse uma estampa de sabonete Eucalol em tal versão. “Lembro que tempos depois tanto Maysa como Elizeth me contaram essa história da primeira roubar o namorado da segunda entre gargalhadas”, garantiria o compositor, produtor musical, escritor e poeta Hermínio Bello de Carvalho, amigo de ambas.

O que se sabe com certeza é que, naquela mesma semana em que teria tentado o suicídio pela primeira vez, Maysa deixara a ver navios a platéia da boate em que se apresentaria, o Club 36, na rua Carvalho de Mendonça, em Copacabana. Desaparecera poucos minutos antes do horário previsto para subir ao palco e, sem avisar ninguém, fora assistir ao show de Elizeth Cardoso a duas quadras distantes dali, em uma das mesas do Au Bon Gourmet — “o lugar onde melhor se come no Rio à noite”, dizia-se. Quando Elizeth viu a amiga, cumprimentou-a do palco, efusivamente. Maysa levantou-se e gritou a frase que ficaria célebre: “Meu maior desejo era ser homem, preto, pianista e bêbado. Como vocês sabem, não consegui

ser homem, negro, nem pianista”, o público riu e Maysa continuou: “porém ainda tenho um sonho: ser Elizeth Cardoso”.

Casos como aquele estampavam as páginas dos jornais logo no dia seguinte e ajudavam a fazer de Maysa o assunto predileto das colunas que viviam de chafurdar a vida alheia. Apesar de reclamar do assédio da imprensa, o fato é que ela mesma se divertia com as manchetes e notinhas maldosas que pipocavam a seu respeito. Colecionava com desvelo cada recorte de jornal ou de revista que trouxesse seu nome, ainda que em boa parte deles fosse descrita como uma mulher atormentada pela bebida e acoçada pelas decepções amorosas. “Vi Maysa tomando uísque por um canudinho de fresco”, noticiava a maliciosa coluna “Mexericos da Candinha”, na popularíssima *Revista do Rádio*, publicação que podia ser comprada em qualquer banca de revista por quinze cruzeiros — o preço de dois maços de cigarro Continental sem filtro — e que vendia cerca de 300 mil exemplares semanais. O colunista e compositor Nestor de Holanda, no *Diário Carioca*, tripudiava: “Maysa está cortando tanto os pulsos que vai acabar uma Vênus de Milo”.

Ela tinha consciência de que a causa de seu êxito estrondoso como artista — além da voz indiscutivelmente singular, meio rouca, meio aveludada — residia também na imagem pública que construía como musa imbatível — e sofisticada — do desencanto e da melancolia. Era uma espécie de Edith Piaf dos trópicos, uma Julie London em versão nacional. Para a estréia na *La Bohème*, por exemplo, exigira traje de gala à platéia, o que provocara protestos do jornalista e compositor Antônio Maria: “Não fui, porque o meu smoking está na base do *engole ele paletó*”, reclamou o velho Maria, amigo e fã assumido da cantora, em sua coluna publicada no jornal *O Globo*. Mas a decantada elegância de Maysa — que afirmou para uma revista ter no guarda-roupa dezenas de vestidos assinados por Balenciaga, Chanel, Dener e Dior, e que só usara cada um deles uma única vez — era devidamente temperada com uma atitude de aberta transgressão.

Recém-desquitada, em um tempo em que as mulheres separadas eram estigmatizadas como prostitutas, Maysa mandara para os ares o casamento com o milionário paulista André Matarazzo e, para duplo escândalo da alta

sociedade de São Paulo, abraçara a vida igualmente duvidosa de cantora de rádio. Para os meios mais ilustrados, era considerada uma espécie de diva existencialista em pleno luar de Copacabana. Bráulio Pedroso, que viria a ser um bem-sucedido autor de telenovelas, assinou naquele ano de 1958 uma resenha na *Gazeta Esportiva* sobre o livro *O garden-party*, da contista neozelandesa Katherine Mansfield. “Resumindo, diria que as histórias de Mansfield têm um quê da nostálgica voz de Maysa”, escreveu Pedroso, ao final do artigo. “Há gritos incríveis dentro de mim, que me povoam da mais imensa solidão”, anotou por essa época a própria Maysa em seu diário particular.

* * *

Em pouco mais de um ano de carreira, ela atingira o topo do sucesso. Gravara até ali dois álbuns de dez polegadas (com oito músicas cada) e quatro discos de 78 rpm (com duas canções cada um). Foi o suficiente para ganhar o disputado troféu Roquette Pinto — a mais importante premiação do rádio e da televisão brasileira à época — na categoria de cantora revelação de 1957. A *Radiolândia*, revista especializada em música, e o Clube dos Cronistas de Discos concederam-lhe, separadamente, o mesmo título de “maior cantora do ano”. E no instante em que a televisão brasileira apenas engatinhava, Maysa estrelava dois programas só seus, transmitidos um no Rio de Janeiro, pela tv Rio, às quintas-feiras, outro em São Paulo, pela tv Record, às quartas, com patrocínio da Bombril e dos biscoitos Piraquê.

Em março de 1958, depois de também ser declarada pela *Revista do Rádio* “a maior revelação feminina da televisão carioca em 1957”, ela renovaria o contrato com as duas emissoras por mais 24 meses, passando a receber a quantia total de 2,4 milhões de cruzeiros — valor duas vezes e meia superior ao prêmio milionário oferecido ao arquiteto Lucio Costa pelo primeiro lugar no concurso que escolheu o projeto-piloto de Brasília, a nova capital que seria inaugurada dali a dois anos. O nome de Maysa era uma verdadeira fábrica de fazer dinheiro. Seus discos vendiam tanto quanto a gemada em pó Kibon e os coloridos bambolês, outras duas coqueluches que tomaram conta do país naquele ano. A cada semestre, a conta bancária engordava cerca de meio milhão de cruzeiros só em direitos autorais,

o suficiente para pagar quase um ano de salário do craque Didi, ídolo do Botafogo e da seleção que conquistaria a primeira Copa do Mundo para o Brasil, dali a três meses, nos gramados da Suécia.

A despeito de ela ter a imagem devassada pela imprensa sensacionalista, os patrocinadores disputavam Maysa a peso de ouro. Os fabricantes do esmalte e batom Fetiche aproveitaram uma entrevista que ela concedeu ao programa *Discomania*, da Rádio Record, para presentear a no ar com uma coleção completa de cosméticos da marca, “em quantidade suficiente para o uso de um ano”. Maysa posou para as fotos — com o braço esquerdo ainda enfaixado — e faturou mais uma bolada.

Em anúncios de página inteira na *Radiolândia*, lá estava ela emprestando o rosto para a propaganda da embalagem “tamanho gigante” do sabonete Cinta-Azul, produzido pela fábrica do empresário e compositor Fernando César — de quem Maysa gravara em seu segundo disco a canção “Segredo” —, e que conforme o texto da publicidade deixava “uma sensação de frescor e vitalidade na cútis”. Além de tudo isso, Maysa provocou uma maré inflacionária nos cachês pagos aos artistas nacionais pelas casas noturnas do Rio e São Paulo. Antes dela, apenas atrações internacionais faturavam mais de 20 mil cruzeiros por apresentação no Brasil. Ao final daquele ano, passaria a exigir 50 mil por noite para soltar a voz.

Maysa não colecionava apenas desaforos em letra de forma. “Na história dos nossos meios artísticos, ela constitui um verdadeiro recorde de ascensão ao estrelato”, diria o jornal *O Globo*. “Ouvi e vi Maysa cantando na tevê. Seu talento e sua voz são coisas que já nem se discutem. Mas seus olhos são qualquer coisa de maravilhoso. Refletem toda a beleza e grandiosidade interior que há em Maysa”, registraria a coluna assinada pela atriz Odete Lara, no jornal *Última Hora*. Os olhos verdes de Maysa consistiam em uma atração à parte. No programa de televisão, eram explorados em closes fechados que, para suspiro dos corações masculinos, enchiam a tela em preto-e-branco dos aparelhos Standard Eletric de 21 polegadas e gabinete em imbuia, os mais vendidos à época.

Se para o olhar felino de Maysa recaíam todos os elogios, o mesmo não se podia dizer dos cabelos, propositadamente despenteados, em um

tempo em que as mulheres costumavam torrar pequenas fortunas em perucas, laquês e *mise-en-plis*. Os cabelos sempre desarrumados — na verdade, desalinhados com capricho — ajudavam a compor a imagem de rebelde e a produzir apelidos jocosos na imprensa, a exemplo de Maysa-Perdi-Meu-Pente, como a ela se referia o jornalista Mattos Pacheco, titular da coluna “Ronda”, no *Diário da Noite*. “É uma cantora agradável. Desagradável nela são aqueles cabelos abandonados sobre sua cabecinha, que é um tanto quanto vazia, segundo dizem por aí”, espinafrava Maurício de Almeida nas páginas do jornal *Imprensa Popular*.

A tarde em que Maysa foi flagrada por um fotógrafo em um salão de beleza, sentada na cadeira de um cabeleireiro, virou matéria de primeira página: “O impossível aconteceu!”, alardeou aos quatro ventos o escandaloso *Diário da Noite*, assim mesmo, com exclamação e tudo, em uma das manchetes da edição do dia seguinte. Mais uma vez, Maysa ria das críticas e tratava de alimentá-las um pouco. Quando a coluna “Mexericos da Candinha” insinuou que talvez ela penteasse os cabelos com o auxílio de um ventilador, não teve dúvidas: chamou a *Revista do Rádio* e posou para uma fotografia que virou pôster central, publicada em cores, em uma edição de agosto de 1958. Na foto, Maysa finge que usa um ventilador portátil em vez do pente. “A última moda. Experimentem a receita de Maysa”, dizia o texto ao pé da página.

“Não tomo conhecimento do que dizem de mim. Gosto da vida que levo e não a troco por nada neste mundo”, desabafou Maysa nessa época à repórter Yvonne Felman, da *Última Hora*.

* * *

Uma das regras do mercado fonográfico da época era fomentar supostas rivalidades entre artistas populares. Atiçava-se com vara curta a histeria dos respectivos fãs-clubes, que levavam a sério as contendas e se encarregavam de transformar em guerra declarada o que era mero marketing das gravadoras, arquitetado em aberta cumplicidade com a imprensa especializada. Nem só de gritinhos e desmaios viviam tais altercações. Em programas de auditório transmitidos pelo rádio, muitas vezes os partidários desse

ou daquele ídolo chegaram às vias de fato, depois de se ameaçarem mutuamente com pedaços de pau e bandas de gilete. Quanto mais acirradas eram as diferenças entre os admiradores, mais caminhões de discos eram vendidos de lado a lado.

Pois naquele ano de 1958 os jornais e revistas ensaiaram reeditar a histórica polêmica da década anterior, protagonizada entre as cantoras Emilinha Borba e Marlene, uma espécie de Fla-Flu musical, em que a primeira fazia o papel de boa moça e a outra assumia a imagem de mulher rebelde. Dessa vez, imaginaram os produtores, a personalidade controvertida de Maysa talvez fosse o ingrediente perfeito para encarnar a mais autêntica e sofisticada das *bad girls* de todos os tempos. Primeiro tentaram indispor os fãs de Elizeth Cardoso com os de Maysa e vice-versa. “Vou exemplificar a fronteira entre as duas: é a mesma diferença que há entre o *foie gras* (Maysa) e o salame (Elizeth)”, diria o cáustico Jorge Ribeiro, que assinava com o pseudônimo de Cagliostro a coluna “Ciranda”, no *Diário da Noite*. Não deu certo. Embora alguns acreditassem que a relação entre as duas cantoras estivesse azedada depois do episódio envolvendo a disputa pelos afagos do bonitão Cesar Thedin, os fãs não embarcaram naquela evidente arapuca.

Depois foi a vez da *Revista do Rádio* tentar promover um bafafá entre Maysa e Ângela Maria. Ângela, apelidada de Sapoti pelo então presidente Getúlio Vargas por causa da brejeira morenice, fora eleita a “Rainha do Rádio” em 1954, vencedora do Roquette Pinto de 1957 como melhor cantora e campeã de vendas de discos em todo o país. “Maysa e Ângela continuam odiando-se cordialmente”, provocou Candinha, em mais um de seus mordazes mexericos. A mesma revista logo tratou de indagar às duas cantoras, por escrito, quais as opiniões que uma tinha a respeito da outra. O resultado foi editado em página dupla, sob o título “Ângela julga Maysa e Maysa julga Ângela”, em letras garrafais. Ao lado de fotos que iam de cima a baixo em cada página, nas quais as artistas apareciam igualmente com a mão no queixo em pose de enfado e desafio, liam-se as seguintes arengas: “Sou sincera: acho que Maysa não é elegante. Elegância exige bom gosto e ela não mostra isso na escolha de seus vestidos”, atirava uma. “Ângela fica melhor de roupa escura. Achei-a horrível com aquele vestido amarelo, moda saco,

que usou outro dia”, ferroava a outra. Iam por aí afora até o duplo nocaute técnico: “Entendo que Maysa ficaria mais bonitinha penteada do que com aqueles cabelos assanhados”. “Acho bonito o narizinho de Ângela, embora ele seja um pouco atrevidinho.”

A fanfarra não seguiu adiante. O fato é que nem Ângela Maria nem Maysa precisavam posar de “amigas-da-onça” — para usar uma expressão que estava na moda por causa do irreverente personagem criado pelo cartunista Péricles, o Amigo-da-Onça, nas páginas da revista *O Cruzeiro*. Tanto uma como a outra já dispunham de publicidade suficiente e os fãs mais fiéis — especialmente os de Maysa — não se encaixavam no estereótipo das chamadas “macacas-de-auditório”, como as moças histéricas que se rasgavam por seus ídolos nos programas de rádio haviam sido apelidadas, de forma depreciativa, pelo jornalista Nestor de Holanda. “Acho esse termo de muito mau gosto”, diria Maysa em entrevista. “Penso que nesta classificação existe uma total falta de respeito humano, embora eu não tenha nada contra os macacos em geral. Tem alguns que são muito amigos meus, e outros que até trabalham comigo”, completaria, com a acidez que lhe era peculiar.

* * *

Quem se debruçar sobre a coleção de jornais do Rio de Janeiro e de São Paulo naquele ano de 1958 vai chegar a uma assombrosa constatação: entre 1º de janeiro e 31 de dezembro não houve um único dia — e isso, acredite-se, não é força de expressão — em que Maysa não tenha sido notícia em pelo menos um órgão da imprensa carioca ou paulista. Quando não estava sendo incensada nas páginas de crítica musical ou torpedeada nas colunas de fofocas, a onipresente Maysa rendia assunto quente até para o noticiário político. Diante da enorme popularidade que desfrutava, surgiram rumores de que ela havia sido sondada pelo diretório do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), no Rio, sobre uma possível candidatura a deputada federal. A idéia teria partido de ninguém menos que João Goulart, o Jango, vice do presidente Juscelino Kubitscheck. Enquanto isso, em São Paulo, informações de bastidores davam conta de que o prefeito Adhemar de Barros havia con-